

Maria Montessori e seu método

Maria Montessori and her method

*Magda Suely Pereira Costa**

Resumo

Neste artigo, a autora desenvolve reflexões sobre o Método Montessori, que há um século, por volta de 1907, já propunha uma educação libertadora para a criança, valorizando-a como um ser pensante e capaz de responder aos apelos do real, visando a formação de uma personalidade autônoma e do Homem Consciente. Esse método, além de adotar uma perspectiva filosófica e metodológica para atender a criança, construindo materiais pedagógicos específicos e estratégias pedagógicas, introduz a a “Linha”, que constitui a base da educação montessoriana. Maria Montessori revolucionou estruturas convencionais de assimilação do mundo adulto pela criança, sendo que muitos procedimentos adotados em seu método, os quais poderiam parecer anacrônicos na época atual, ainda continuam a ensinar muitos adeptos, representando um avanço no campo da pedagogia infantil.

Palavras-chave: Educação do Homem Consciente. Linha. Materiais pedagógicos. Montessori.

Abstract

In this article the author tries to develop some reflections on the Montessori Method. About 1907, this method already fought for a more liberating education for children, valued as beings capable of thinking and responding to real-life situations. A method was therefore developed, encompassing philosophical and methodological issues, with specific pedagogic materials and strategies. This method constitutes the base of the Montessorian line of education, aimed at developing an autonomous personality and a Conscious Man. Thus, Maria Montessori revolutionized conventional structures of how the adult world could be assimilated by a child. The epoch and many of the procedures presently adopted in this method, and that may be viewed as anachronical, must be taken into consideration. This method has thus lead not only to many adepts, but to various criticisms as well. However, it represents a pedagogical progress in the field of children's education.

Keywords: Education of the conscious man. Montessorian line. Pedagogic materials.

* Mestre pela Faculdade de Educação da UnB com especialização no Método Montessori no Instituto Montessoriano de São Paulo. Professora na Universidade do Tocantins, UNITINS.
E-mail: magdacos@unb.br

Um breve histórico

Maria Montessori, nascida em 1870, foi a primeira mulher da Itália a diplomar-se em medicina. Concluído seu curso na Universidade de Roma, a jovem médica dedicou-se aos estudos e ao tratamento de crianças tidas como anormais. Após vários anos de pesquisa e numerosas viagens ao estrangeiro, principalmente à França, consagrou-se à preparação de mestres para a educação de crianças anormais. Constatou que a questão primordial na educação de crianças com deficiências mentais estava muito mais no atendimento pedagógico do que no clínico. Inspirou suas experiências educacionais nos trabalhos de Séguin e Itard.

Ao verificar o atraso dos métodos de ensino de sua época, lembrou-se Montessori de aplicar os processos de educação dos “anormais” às crianças normais, procedimento que atraiu muitas críticas de estudiosos da época. Para tanto, estudou psicologia experimental na Universidade de Roma e realizou pacientes pesquisas sobre antropologia infantil nas escolas primárias.

Em 1907, deu início à prática do seu sistema, abrindo sua primeira “*Casa dei Bambini*”. Outras escolas foram fundadas em Roma, e dentro em pouco o sistema Montessori irradiou pelo mundo inteiro. Foi aplicado inicialmente aos jardins de infância, estendendo-se depois aos outros níveis, por iniciativa de Maria Maraine Guerrière.

A obra de Montessori constitui indubitavelmente uma bela e fecunda contribuição ao progresso dos “Métodos Pedagógicos”. Seu sistema foi influenciado pelas idéias educativas de Froebel e Pestalozzi e pelas teorias biológicas de Nageli e de Vries, não representando, portanto, uma criação nova e original. Contudo, sua metodologia buscava atender aos princípios da Escola Nova, que tinha por ideal educar para a liberdade, no sentido de possibilitar a auto-gestão do educando e a construção de uma sociedade democrática. Seu método é considerado como

...um método ativo, pois dá importância ao trabalho: as crianças devem cuidar da própria higiene e da limpeza das salas. Empenha-se na individualização do ensino, estimulando a atividade livre concentrada e o princípio da auto-educação. A atenção ao ritmo próprio de cada criança não se contrapõe à socialização, mas deve facilitar a integração no grupo (Aranha, 1989, p. 205).

Embora novos princípios pedagógicos e psicológicos tenham surgido no século XX, com Freud, Piaget, Vigotsky, sua proposta ainda é utilizada em muitos países.

A Educação montessoriana não é relacionada a nenhum credo em particular, embora a mesma fosse católica. Para ela, o importante é que a partir da noção de Deus se estabeleça uma hierarquização de valores cujo centro destacará a pessoa humana.

Objetivos do método montessoriano

A Educação montessoriana está no próprio educando, tem por objetivo levar o ser ao conhecimento consciente do real. Ser consciente do real é conhecer o mundo exterior (o não eu) e o mundo interior (o eu); para isso se impõe o método experimental, compreendendo que desta forma o ser toma conhecimento do real pelas atividades que realiza.

Ser consciente do mundo exterior possibilitará o conhecimento do mundo interior, o “eu”, constatando a própria personalidade. A educação é crescimento a partir da concepção do ser que é constituído de corpo e alma (espírito e alma) reunidos, é infinito como potência, como tendência.

Esta educação visa não somente a capacidade de desvelar o ‘eu’, do ‘outro’, que lhe é vizinho, visa-se à formação do Homem, Ser consciente de si mesmo, do real, do divino. Pelo homem ser um Ser livre, é capaz de responder às solicitações do meio (Valentina, 1983).

O professor deve ajudar a desenvolver a capacidade de a criança crescer sozinha, favorecendo assim a libertação interior da criança. A criança deve ser a autora de sua própria educação. O primordial da educação montessoriana é formar o espírito, levar a “criança ao destino de uma eternidade feliz, sendo feliz na vida ela o será na eternidade” (ibidem, 1983). A doutora Maria Montessori nos deixou um primado em educação, em que a escola verdadeira

...não é a de quatro paredes, entre as quais as crianças são confinadas, mas a de uma casa onde possam viver em liberdade para aprender e crescer. Essa idéia implica a necessidade de preparar para as crianças um mundo seu, particular, onde elas possam encontrar atividades condizentes com seu desenvolvimento físico e mental. Numa escola montessoriana, o professor é um convidado, ou alguém que tenha em mente estar a serviço de seus alunos (Montessori, 1961, p. 17).

No método montessoriano,

O ambiente planejado é constituído por três aspectos importantes: o ambiente de atmosfera agradável, com as ferramentas e mobiliários adequados em tamanho e espaço, materiais especiais e, em terceiro lugar, o professor que não dá ordens, nem se intromete, mas serve de auxiliar e guia. Ele deve ser um observador experimentado que sabe quando agir para estabelecer a ordem e quando deve permanecer em segundo plano (Footlick, 1968, p. 34).

Portanto, o ambiente no método é de relevância, pois é preparado especialmente para as crianças,

deve ser um local espaçoso, silencioso e em contato com a natureza (árvores, flores, gramado). Os móveis devem ser acessíveis ao tamanho da criança: pequenas cadeiras, mesas, armários e utensílios de cozinha, ferramentas diversas etc, e leves para serem mudadas de local pela criança com facilidade. A sala de aula não é aquela tradicional: carteiras enfileiradas, crianças quietas, sentadas imóveis, professora em posição de destaque na frente da classe, vigiando os alunos. Ao contrário, as crianças têm liberdade para se comunicarem e se movimentarem na sala, geralmente sentam-se em tapetes no local que acharem mais adequado (Lamoréa, 1996, p. 99).

Liberdade e concentração que podem assustar um visitante desavisado quanto ao método de uma sala montessoriana. Pode estranhar muito ao ver uma sala de aula organizada de uma forma tão descontraída, com alguns grupos dialogando, outros concentrados, mas livres, as crianças normalmente voltadas para suas atividades, às vezes sentadas ou deitadas em tapetes. Entretanto, são atitudes e comportamentos que refletem um planejamento subjacente.

O papel do professor

O professor trabalha com cada criança em particular, introduzindo-a na compreensão do material ou dos fenômenos, prestando-lhe a ajuda que se fizer necessária, sobretudo ouvindo-a, pois a criança deseja e sente-se feliz ao ser ouvida pelo adulto.

O professor deve aprender a observar a criança, interferindo apenas quando solicitado para alguma orientação. Nas atitudes do professor, os castigos praticamente não existem e os elogios são discretamente emitidos. Ao planejar o ambiente, o mestre deve deixar acessíveis os materiais necessários para cada

fase em que os alunos se encontram, pois as próprias crianças pegam, manipulam e depois, espontaneamente, os guardam no devido lugar.

Uma das funções primordiais do professor é a de estar atento, registrando os comportamentos de seus alunos, tendo cuidado com sua intervenção e comunicação. Inclusive as comparações devem ser evitadas, a não ser comparar a criança com ela mesma. Esses procedimentos a ajudarão a tornar-se mais “independente, atenta e observadora”. Sua técnica de ensinar é, por assim dizer, indireta, ou seja, nem usa a imposição como faz a educação direta, nem tampouco deixa a criança na educação direta da permissividade. Segundo Montessori,

...devemos ter em mente: dar a liberdade à criança não é abandoná-la a si própria ou negligenciá-la. Nossa ajuda não deve tornar-se uma passiva indiferença às suas dificuldades. Ao invés disso, devemos acompanhar esse crescimento com uma vigilância prudente e afetuosa (Montessori, s/d, p.37).

Compreendemos que para esse acompanhamento ser eficiente se exige, pois, do professor, um espírito dinâmico de coordenar as atividades a serem desenvolvidas na sala, bem como toda ação educativa, num clima de tranquilidade, segurança, sem contudo demonstrar-se como a autoridade do saber e do poder.

Para Montessori, nós, os adultos, temos uma má interpretação da natureza infantil, por isso, impingimos à criança atividades que não lhe são próprias, muitas vezes até em desacordo com suas necessidades físicas e psíquicas, razão pela qual a submetemos à nossa vontade, ao nosso controle. Sugere que a

Atitude mais justa e caridosa seria criar um ambiente adequado, no qual a criança estivesse livre da opressão dos adultos, onde ela pudesse realmente se preparar para a vida (...). Deveria sentir na escola uma espécie de abrigo da tempestade ou oásis no deserto, um refúgio seguro para seu espírito (ibidem, p. 9).

Nesse sentido, compreendemos que o ambiente é estruturante da aprendizagem e crescimento da criança. Para tanto, é necessário enfatizar a importância do planejamento que o professor deve ter, não somente tendo em mãos trabalhos, construções novas para poder sugerir novos exercícios aos alunos que concluíram algumas de suas tarefas, bem como no preparo do ambiente, que já deve ser educador. A tarefa do professor não se restringe somente a isso, sua função é bem dura na verdade, pois consiste em guiar o desenvolvimento espiritual da criança.

Uma das vantagens do método é possuir uma filosofia muito edificante enquanto trabalho, pois visa o crescimento interior, valores, reflexão das ações, concentração dos gestos e aproximação de Deus. Outro ponto alto desse método é denominado de Linha, procedimento específico do Método Montessori, constituído de cinco fases com o objetivo de alcançar a máxima concentração interior.

A Linha ou aula rítmica foi uma invenção de Montessori, nascida de suas observações a respeito do caminhar das crianças na rua. Percebeu que as mesmas preferiam os trilhos, as extremidades das calçadas, porque isto lhes dá estabilidade e domínio de si. Montessori pensou então em traçar na sala de aula uma linha circular onde a criança pudesse colocar o pé um diante do outro, como se andasse no trilho. No começo, as crianças vêm-se obrigadas a um grande esforço e atenção para não se desviarem da linha, mas, aos poucos, adquirem toda a facilidade. A Linha é trabalhada com a finalidade de despertar a consciência da criança. É constituída por cinco fases, a saber:

1) Atenção: é a busca de centralizar todas as crianças na pessoa que as comanda. Normalmente, a professora realiza exercícios com as mãos que requerem atenção aos menores gestos, quase não usa a palavra, apenas vai mudando as mãos em posições diferentes.

2) Concentração sem esforço: é o andar na linha naturalmente, buscando um equilíbrio sem muito esforço.

3) Concentração com esforço: é o movimento mais forte da Linha, inicia-se aqui o trabalho de dominar o corpo nos menores gestos, tendo cuidado e atenção cada vez maiores com o seu corpo, e o do outro, dos espaços e entre espaços. Exercita-se passeio com marcha, andar na ponta dos pés, andar para frente, para trás, rápido, lento, com um pé só, saltitando. Nesses movimentos, a criança vai seguindo a linha demarcada ou imaginária; são tentativas contínuas de equilíbrio exterior e interior. Também aqui se trabalham os exercícios de vida prática, como ensinar hábitos, cuidados gerais, tais como: pegar uma cadeira sem arrastar, fechar uma porta sem bater, levar um copo de água sem derramar, levar algum objeto de um lugar para outro sem esbarrar nos obstáculos etc.

4) Desconcentração: Este é o momento de a criança expandir-se, desabrochar-se, por meio de passos de dança, cantos, jogos e dramatizações. São oportunidades bastante ricas, pois a inventividade da criança surge espontaneamente, revelando, assim, muito de sua personalidade, seja no tocante à liderança, às suas preferências ou rejeições.

5) Relaxamento: Momento de reuni-las no silêncio e recolhimento. As crianças são convidadas a ficarem em silêncio, a ouvir o silêncio, configurando, assim, o ponto máximo do relaxamento. Através da aula de Linha, executada

todos os dias, busca-se a educação interior, e não se pode pensar num professor trabalhando nesse sentido, sem uma disciplina e equilíbrio pessoal.

Esta última fase, também denominada **lição do silêncio**, comporta cinco outras subfases:

1ª) Imobilidade total. Como as crianças anteriormente foram convidadas a se deitarem de forma relaxada, agora são convidadas a deixar os músculos descontraídos, os corpos numa posição gostosa, sem se mexer, numa calma total.

2ª) Ouvir o ruído de fora (de preferência de olhos fechados). A posição em que a criança já se encontra, de perfeito relaxamento, favorece o ouvir dos ruídos e sons do ambiente externo. A criança é convidada apenas a ouvi-los.

3ª) Ouvir somente o barulho provocado pelo professor. Após a criança ter ouvido os ruídos externos, ouvirá os ruídos mais próximos. Normalmente a professora os produz com o toque de alguns materiais.

4ª) Ouvir as batidas do próprio coração. O silêncio que permeia o ambiente permite ouvir o ritmo das batidas do próprio coração, e isso é solicitado à criança. Após alguns minutos de escuta, proporcionar música que transmita paz. São utilizadas orquestras, músicas lentas com sinfonias de pássaros, barulho de mar e de chuva.

5ª) Imobilidade e silêncio absoluto do ser. Se todos os passos são seguidos, a criança se encontra em estado de calma total. O ambiente pode ficar à meia luz (inclusive algumas crianças adormecem de verdade). Normalmente, as crianças permanecem deitadas até que a professora, em tom de voz baixo, sussurra o nome de cada criança ou levemente toca em suas mãos, dando um sinal de que deve ir se movimentando para sentar.

Quando todas as crianças já se encontram sentadas, o professor pode começar uma aula, seja para introduzir conteúdo novo, um material novo, seja trabalhando valores, ética, seja revisando alguma disciplina que achar conveniente.

O retomar das atividades após a aula de Linha deve ser em ritmo de calma, formando nelas o educar dos gestos pacíficos, tranqüilos. impedindo assim atitudes comuns das crianças de levantar e sair correndo. São cuidados necessários para que os objetivos da Linha não sejam negligenciados.

Na execução dos exercícios da Linha, a professora jamais poderá perder de vista os fins a atingir. Por isso, deve adaptar progressivamente os exercícios conforme a idade e circunstância em que se encontra o grupo de crianças. A Linha proporciona à criança maior consciência do seu corpo na descoberta de tudo que ela pode executar com seus membros: exercícios com os braços em

horizontal, vertical, movimento com as mãos, exercícios respiratórios. A coordenação dos movimentos pode inclusive ser acompanhada de instrumentos de música: tambor, acordeón, pandeiros. As crianças podem executar calmamente passos de dança simples ou gestos mímicos acompanhadas por poesia ou canto.

A Linha não pode ser executada sem um prévio planejamento, pois a mestra deve saber mandar; dar ordens para que não ocorram indecisões. Na Linha, a criança deve estar totalmente voltada para o professor, ao contrário da atitude da sala de aula, na qual a professora deve ficar meio despercebida. A Linha, através de suas etapas, proporciona o despertar da consciência da criança para a autoridade da professora. Na execução, há diferentes ordens, mas poucas palavras. A criança está inteiramente sob o domínio da mestra, que vai discipliná-la. O aluno não faz o que quer, mas o que sugere o professor. Ele deve estar no controle constante, transmitindo serenidade e equilíbrio, porque a Linha é que vai proporcionar calma à classe.

Caso o professor não esteja em estado de calma, também não conseguirá essa postura do aluno. Na Linha, o mestre é o apoio, sustentáculo. A Linha não é realizada para divertir a criança e sim para levá-la a um trabalho intelectual, a um esforço, uma atenção, pois nesse ambiente pode-se acalmar a criança para receber algo, como um conteúdo novo, planejar leitura, seminário, fazer um conto coletivo, coral etc.

Em estado de completa calma, a criança desde a mais tenra idade vai tomando consciência e domínio sobre si mesma. Isto, segundo Séguin (conforme apontamentos de Ir. Valentina), serve para a criança tomar consciência do seu “eu” físico. Pode-se por este meio, ou por este mesmo exercício, fazê-la tomar consciência do seu “eu” espiritual e do seu “eu” real. Diz Lubienska:

tuas mãos, teus pés, teus olhos, quem os comanda? Logo a criança responde: eu. E esse eu o que é? O que é a força que te comanda? Deus. É o espírito. Quem comanda o espírito? O corpo deve obedecer ao espírito: é para bem aprender a obedecer ao espírito que vens à escola (Lenval, 1975).

É lamentável conviver e perceber que nem todas as escolas têm objetivos voltados para trabalhar o “eu” espiritual da criança. Infelizmente, o que se vê é uma preocupação maior com os conteúdos e conhecimentos de disciplinas que servem para as avaliações; inclusive os conteúdos que trabalham valores, crenças e construções muitas vezes são tidos como perda de tempo. Não seria esta uma das razões do caos em que se encontram nossas escolas?

Na escola Montessoriana, o exercitar da construção do eu não acontece apenas no momento da Linha; toda a atividade tem como foco o ser humano totalizante. Mas nos voltando especificamente para a Linha, podemos apontar alguns dos seus objetivos.

Objetivos da Linha

A Linha possui objetivos específicos, os quais passaremos a mencionar.

Primeiro: Disciplinar.

A Linha não pode aparecer nunca como castigo, mas como um espaço em que se deve obedecer a uma autoridade que está ali para comandar alguém que quer crescer. Ao seguir o comando da professora, a criança torna-se capaz de comandar a si mesma.

Segundo: Aquisição de capacidade de interiorização do real.

Ao executar os comandos do professor, a criança é capaz de pensar e tocar as coisas, os objetos concretos do real, partindo do seu próprio corpo.

Terceiro: Coordenação e equilíbrio nervo e motor.

Através dos exercícios executados com atenção, a Linha acaba com a trepidação nervosa e estabelece um ritmo corporal preciso e regular. Exemplo: andar na linha calmo, devagar, apressado, acelerado etc. Esses exercícios são ótimos para a criança instável, inquieta, cujo ritmo e aparelho motor trabalha sem uma correlação regular com o pensamento e a vontade.

Quarto: Possibilidades de conhecimento da personalidade do educando.

A criança vai se descontraindo com a seqüência e freqüência dos exercícios, o que possibilitará ao professor o conhecimento das potencialidades, deficiências e dificuldades do seu aluno.

Material montessoriano

Os materiais desempenham um papel de primeira importância nas classes montessorianas. Sua utilidade não corresponde apenas à instrução, mas procuram atender também às necessidades psíquicas da criança. Esses materiais atraem a inteligência da criança para as coisas e fenômenos que lhes são apresentados sob forma de síntese, eles não são elementos subsidiários do professor que ensina e do aluno que aprende. São apresentados de forma atrativa, bem coloridos, com texturas chamativas, leves, de maneira que a criança possa transportá-los e manuseá-los; afinal, têm objetivos definidos.

O material se torna mestre; o professor não terá sequer que corrigir erros, porque o próprio material possui um **controle de erros**, no qual o aluno, a

partir do manuseio, vai trabalhando, experimentando, e, ao concluir sua tarefa, uma peça do próprio material lhe permitirá a verificação do acerto ou não da atividade por meio do encaixar ou não da peça. Em cada material, existe uma unidade que a criança usará para reconhecer o correto e o não correto. Os materiais, apesar de terem objetivos específicos, podem ser utilizados de forma interdisciplinar, bem como de acordo com a criatividade da criança. O material sensorial é destinado especificamente às crianças de 3 a 7 anos com objetivo de adaptação do indivíduo ao meio, bem como sondagens de algumas deficiências, miopia, surdez etc.

Na área matemática, podemos citar alguns dos materiais mais utilizados: o dourado, que trabalha a noção de unidade, dezena e centena, composição e decomposição de numerais, idéias de quantidade, volume, tamanho e peso. Os tentos trabalham a idéias de quantidade, números pares e ímpares. Com o material semi-simbólico, trabalham-se noções das famílias dos numerais, ou seja, as formas como se pode formar um numeral. Os fusos trabalham noções de numerais e quantidades. Os numerais de lixa proporcionam noções da escrita do numeral, bem como as texturas: áspero e liso. Os encaixes geométricos trabalham as noções da geometria na sua variedade de formas. Com a torre rosa, exercitam-se idéias de crescente e decrescente, maior e menor, grande e pequeno. As barras vermelhas e azuis trabalham com noções de centímetros e a composição do metro, bem como as idéias de maior e menor, crescente e decrescente, e cores azuis e vermelhas. A tábua de Séguin e outros.

Na área de comunicação, podemos citar as letras de lixa, que muito auxiliam na memorização sensorial das letras do alfabeto, pois à medida que a criança vai passando os dedos sobre a superfície das letras, vai verbalizando o seu som e memorizando o formato da mesma para posteriormente grafá-la. O alfabeto mudo é composto de figuras relativas aos sons do nosso alfabeto, as quais as crianças utilizam para construir o ditado no tapete, no quadro e no caderno. O tabuleiro de letras, ou alfabeto móvel, é um material composto de caselas com letras construídas em compensado. É com elas que as crianças realizam os ditados. O quadro fonético é composto de letras do alfabeto, confeccionadas de forma individual para que a criança possa formar palavras com a junção das mesmas. São inúmeros os materiais montessorianos que servem à ação pedagógica.

Evidentemente, existem críticas a esse método. Como adepta dele, também sempre questioneei a particularidade e o custo dos materiais pedagógicos que não facilitariam em nada para uma escola e criança que não pudessem comprá-los. Alguns materiais podem até ser criados à semelhança, mas não com o rigor científico com que os montessorianos são confeccionados; a exemplo: material dourado, semi-simbólico e outros.

Outro ponto questionável é na alfabetização. Pelo fato de o método ser fonético, existem sempre alegações de que provoca algumas confusões pela similaridade dos sons. Evidentemente, se não for bem trabalhado, qualquer método apresenta falhas. Contudo, é preciso compreender e não tentar ocultar a complexidade da nossa língua.

Dos 44 ditados utilizados, cada um tem por objetivo trabalhar uma dificuldade da língua portuguesa. São introduzidos gradualmente, o que exige do professor conhecimento e segurança do trabalho que realizará, não somente na apresentação dos mesmos, mas, principalmente, na emissão dos sons, fazendo os movimentos labiais corretamente para que a criança possa sentir as várias nuances dos sons das letras do alfabeto.

Após a construção do ditado pela criança no tapete, utilizando-se do quadro fonético, tabuleiro de letras e de ditados mudos, a criança o escreverá no quadro e, em seguida, em seu caderno. Pode até ser repetitivo o fazer nestas três etapas, mas, pelo fato de não existir uma ordem fixa das palavras, a criança poderá escrever as palavras na ordem que desejar, quebrando assim o ritmo da repetição, além do que, na última etapa, a professora já a convida para visualizar bem as palavras, o seu sentido, e criar frases com o máximo de imaginação e com os significados que desejar. Nesse momento, o processo de criatividade é desencadeado, permitindo que a criança construa suas histórias e dê asas à sua imaginação.

Repensando Montessori no alvorecer do século XXI

A busca do conhecimento sempre representou e representa o caminhar constante do homem, ora utilizando-se de filosofias, ora religiões, ora apelando para a própria ciência. Compreendemos que são buscas para explicar os inúmeros significados e fenômenos que direcionam a existência do ser humano, seja individual ou coletiva.

Sabe-se que a ciência é, ainda hoje, a forma hegemônica de explicar a realidade e o conhecimento como o critério mais fidedigno de verdade, embora se saiba também que inúmeros estudiosos e cientistas já admitam a não objetividade absoluta e infalibilidade da ciência.

Certamente, a preocupação com uma visão de ciência objetiva, neutra e exata que formulasse leis sobre o funcionamento da natureza era o que prevalecia na época de Montessori. Sendo médica, deve ter sofrido fortes influências dos pressupostos de cientificidade dentro da medicina, o que penso ter contribuído para que ela tentasse formular o método científico na área educacional. Percebe-se sua estratégia em utilizar os princípios científicos para fundamentar o conhecimento da criança e as leis segundo as quais o desenvolvimento do corpo

e da mente se desenvolvem, sem contudo perder sua visão humanística e totalizante de Homem.

Pensando no termo “método”, etimologicamente significa [Do gr. *métodos*, ‘caminho para chegar a um fim’.] 1. S. m. Caminho pelo qual se atinge um objetivo. 2. Programa que regula previamente uma série de operações que se devem realizar, apontando erros evitáveis, em vista de um resultado determinado. 3. Processo ou técnica de ensino. 4. Modo de proceder; maneira de agir; meio.

Sendo utilizado por Montessori, podemos inicialmente pensar no que significaria o método: se apenas um processo ou técnica de ensino, um modo de proceder, ou o método num sentido da teoria do conhecimento?

Nos reportando àquela época, sabemos que seu método estava classificado dentro dos métodos pedagógicos como método ativo, que tem como características a atividade dotada de sentido, com um fim definido, a partir de interesse e aspirações da criança; que a atividade, embora baseada na iniciativa e no trabalho pessoal, deve realizar-se em colaboração dentro de um grupo onde todos são responsáveis.

E o método Montessori, segundo Luzuriaga (1968; p. 242), “é um dos primeiros métodos ativos”. Quanto à sua criação e aplicação, tem como idéias principais a vitalidade, a atividade, a liberdade e a individualidade. Aplica-se sobretudo à idade pré-escolar, podendo estender-se à segunda infância.

Como método ativo, é aconselhável não ser considerado como apenas pura atividade física e manual, mas como extensivo a todas as manifestações do corpo e do espírito.

Por isso, trabalha com zonas de vida orgânica e física, através dos movimentos livres, jogos espontâneos ou organizados; com a zona de vida sensorial, através da manipulação e construção de materiais; com a zona da emotividade, baseada nas necessidades de auto-expressão da criança, seja pela modelagem, pintura, música desenho, manifestações literárias; trabalha com a zona intelectual, enfocando o aprender pela própria experiência, realizando projetos, explorando o mundo circundante, investigando fatos novos; na zona moral, trabalha-se o senso de responsabilidade, prática da liberdade e auto-disciplina; na zona social, trabalha-se o sentimento de solidariedade, colaboração, ajuda mútua, enfocando a vida em comunidade.

Enquanto método ativo, percebe-se um caminho pedagógico sendo trilhado para alcançar fins educativos. Por este ângulo, os pressupostos do método têm levado a algumas críticas, as quais gostaria de repensar.

Uma reflexão crítica sobre a filosofia montessoriana é a do Prof. Aristeu Leite da Universidade de Santa Úrsula (RJ). Diz que: “Maria Montessori, embora contemporânea de Piaget, não tenha se influenciado pelo interacionismo, que

veio desaguar no construtivismo. Que o conhecimento nessa perspectiva se dá na interação entre o meio e o indivíduo, numa via de mão dupla”. Diz ainda que a aquisição do conhecimento em Montessori ocorre de fora para dentro, numa matriz empirista e inatista, e pelo fato de a criança passar o dedo na letra de lixa, ela aprende a letra.

Então cabem aqui dois questionamentos; o primeiro é o de que, segundo leituras feitas, sobre Maria Montessori, verificamos que ela sempre acreditou na potencialidade do Ser da criança, sinal que ela tem um potencial interior, e na experiência (o cunho empirista) com o mundo externo, dá-se o conhecimento desse mundo. Isto não seria a própria interação? Como se entende então o trabalho montessoriano, revendo as zonas acima, em que a criança manipula e interage com materiais (produção de outros indivíduos), formula hipóteses, cria, recria hipótese, solicita ao professor e ao colega ajuda para a organização ou elaboração de suas tarefas? Não seria uma forma de construção interativa?

A segunda questão diz que o “sujeito montessoriano está sozinho na aquisição do conhecimento, sem o contraponto do grupo”.

Considero um pouco equivocada tal crítica, porque cada indivíduo aprende de acordo com suas necessidades e motivações, isto independente de o método ser Montessori ou não. Assim, são enormes as possibilidades de trabalho conjunto e cooperativo neste método, visto que o respeito, a responsabilidade e a liberdade são enfocados constantemente na escola montessoriana.

O aluno deve levar em conta o outro que lhe é vizinho, que faz parte do meio em que ele vive. O próprio ambiente organizado é trabalhado com a preocupação de que no momento presente é a criança que está trabalhando, e que se deve ter a responsabilidade e o respeito de deixar não somente a sala, mas todos os materiais arrumados para o próximo usuário, que é o coleguinha.

Ali se tem a liberdade de fazê-lo ou não, e o que se enfatiza é justamente fazê-lo pelo outro, merecendo, em posteriores aulas de Linha, auto-avaliação de posturas e vivências no seu ambiente. A própria aula de Linha representa o espaço apropriado para o desenvolvimento de habilidades, não somente motoras, como intelectuais. As crianças sentam em círculo, numa posição de partilha e abertura para, em primeiro lugar, ouvir, perceber, não somente ao professor que dirige a aula, como aos colegas, que são convidados a participarem e contribuir com suas experiências e conhecimentos.

As carteiras, em salas montessorianas, normalmente são organizadas em pequenos grupos, o que já representa um chamado à troca de experiências e idéias. É o estar junto no dia a dia. Não se utiliza enfileiramento de carteiras e sim organização em pequenos grupos.

As atividades de vida prática são verdadeiras demonstrações de como se viver em comunidade e de convivência com o grupo da escola. Varrendo, limpando, espanando cadeiras, levando os objetos aos seus devidos lugares; abrindo e fechando portas e janelas, sem perturbar o outro, aliado as atividades de convívio social, como lições de saber pedir desculpas, favor, agradecer, oferecer alguma coisa a alguém, ajudar alguém a crescer, pedir licença, saber escutar, tratar bem o amigo, aprender a esperar sua vez, são maneiras de disciplina pessoal que demonstram educação, responsabilidade e compromisso com o viver junto, não somente na escola como na vida fora dela.

Com relação ao método trabalhado pela própria Montessori, sou levada a acreditar que a mesma tenha seguido um método epistemológico, para investigar e conhecer a criança, uma vez que se pautou na estrutura do método científico. Observou, investigou, experimentou e chegou a conhecimentos profundos a respeito da criança, conhecimentos que foram generalizados para o mundo, tornando-se contribuições para a pedagogia e mesmo para a psicologia infantil.

A construção de um trabalho com rigor científico, para Montessori, começaria pela preparação do educador por meio da observação do homem. Ele aprenderá com a própria criança os meios e os caminhos para sua própria educação, isto é, aprenderá com a criança a aperfeiçoar-se como educador.

Sabe-se, contudo, que seu método é um caminho, segue etapas, baseando-se nos pressupostos do método científico, mas sua percepção parece-nos bem atual quando ela dá conta de que,

Não é fácil preparar educadores segundo normas das ciências experimentais. Mesmo que lhes tenhamos ensinado com todas as minúcias a antropometria e a psicometria, teremos apenas fabricado mecanismos cuja utilidade será problemática. Cientista não é certamente aquele que num laboratório sabe manejar instrumentos de física ou reativos químicos. Cientista é aquele que à luz da experiência descobriu a via que conduz às verdades profundas da vida (Montessori, 1967, p. 15).

Talvez, se Montessori ainda estivesse viva, convicta do seu profundo e verdadeiro pensar sobre as condições que envolvem a construção do Homem consciente e de sua dignidade, certamente, estaria perplexa em ver os absurdos que ressaltam a cada dia pela crise na civilização humana, conseqüências da falta de consciência do homem com relação ao seu ambiente físico e social, inacreditavelmente, após os inúmeros conhecimentos científicos e tecnológicos que poderiam evitar o caos que muitos cientistas têm construído para a humanidade.

Montessori estaria perplexa diante da não-importância dos seres humanos em sua essência, já que não se reduzem apenas a uma organização de músculos

e filamentos nervosos a serem condicionados a experimentos, ou mesmo a ficarem submetidos a experiências científicas que, na maioria das vezes, não lhes favorece em nada, pelo contrário, lhes excluem de gozar de condições mais justas e dignas de vida.

Talvez Montessori estivesse também nos apontando como Guenter (1997, p. 54):

para a transição da era das ciências físicas para a era das ciências sociais e humanas (...) estamos sendo levados a pensar, passando dos sistemas fechados para sistemas abertos de pensamento, pois nova percepção de problemas requer novas maneiras de pensar e de construir ciência.

Vê-se aí mais uma idéia de que o conhecimento é mesmo construído junto com o outro. Que pesquisar o humano, é diferente de pesquisar os mecanismos da natureza, pois requer pesquisar para educar a humanidade, no sentido omnilateral.

Urge educar a humanidade para os valores, atitudes, solidariedade, pois ultimamente temos vivido em um tempo em que a corrida contra o tempo, a pressa, não tem dado espaço para as pessoas serem humanas, atenciosas, cordiais umas com as outras; parece que as pessoas até têm vergonha de exercer qualidades e valores que a escola montessoriana tão intensamente trabalha, incentivando a criança a tomar consciência dos seus atos, do seu estar no mundo, como Homem comprometido consigo, com o outro e com o próprio mundo.

Encontram-se, em nossa atualidade acadêmica, reforços da pedagogia montessoriana nas idéias do filósofo Edgar Morin, quando este solicita, clama por uma reforma de pensamento, de educação, onde o professor possa “rejunta natureza, cultura, homem e cosmo e edifique uma aprendizagem cidadã capaz de repor a dignidade da condição humana” (Morin, 2001).

Sabe-se que, como o filósofo Morin, outros teóricos estão em busca de saídas para o caos da educação da humanidade, e Maria Montessori, por meio de seu método, tem sido retomada e estudada universalmente. Portanto, tem atraído fervorosos adeptos e críticos ferozes. Mas, a riqueza de uma teoria está justamente na possibilidade de se poder estudar, aprofundar e debater os vários aspectos, a diversidade de pontos de vista, com outros pontos críticos despontados e interpretados em outras perspectivas. Talvez seja essa uma das maiores riquezas do mundo acadêmico: o que não se pode perder de vista é a abertura, a diversidade e a dialética constitutiva do pensamento humano.

Referências

- ARANHA, Maria Lúcia. *História da Educação*. São Paulo: Moderna, 1989.
- CORSINO, Leonora Figueiredo. *Montessori em família*. Lisboa: Portugalia, 1978.
- _____. *O que você precisa saber sobre seu filho*. Lisboa: Portugalia, 1966.
- COSTA, Magda Sueley Pereira. *Encontros e desencontros de uma relação*. Dissertação, (Mestrado), Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, 2000.
- COSTA, Magda Sueley Pereira et alii. *Método Montessori - Pré Escolar*. Monografia de Graduação, Universidade Federal de Goiás, 1979.
- FOOTLICK, Jerrold K. *Uma nova era para a Educação*. São Paulo: Bloch, 1968.
- GUENTHER, Zenita Cunha. *Educando o ser humano: uma abordagem da psicologia humanista*. Lavras, MG: Mercado de Letras, 1997.
- LAGÔA, Ana e MALHEIROS, Yara. Como a criança aprende segundo Montessori *Nova Escola*, São Paulo, v. 9, n.79, p. 26-29, out. 1994.
- LAMORÉA, Maria Lúcia et alii. Contribuições do Método Montessori. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, n. 185, p. 90-109, 1996.
- LENVAL, H. Lubienska. *O Homem Consciente*. São Paulo: Flamboyant, 1975.
- LUZURIAGA, Lorenzo. *Pedagogia*. Trad. Lólio Lourenço. 5. ed. São Paulo: Nacional, 1968.
- MONTESSORI, Maria. *Pedagogia Científica*. Trad. Aury Brunetti. São Paulo: Flamboyant, 1965.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Trad. Eloá Jacobina. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2001.
- VALENTINA. *Anotações do Curso de Especialização*. São Paulo: Instituto Montessori, 1983.

Recebida 1ª versão: 26.10.2000

Aceita 2ª versão: 29.11.2001